

## POR UMA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR CRÍTICA COMPROMETIDA COM A SENSIBILIDADE HUMANA

Raphaell Moreira Martins<sup>1</sup>  
Lucas Luan de Brito Cordeiro<sup>2</sup>  
Rodrigo do Vale dos Santos<sup>3</sup>

**Resumo:** O ponto de enfoque nesta pesquisa diz respeito à compreensão da necessidade de um olhar para a sensibilidade humana na ação pedagógica da Educação Física escolar (EFE), entendendo-a como um elemento constituinte da mesma. Contudo, há de se salientar que, diferente de alguns documentos de cunho tradicional ou neoliberal, estamos pautados em uma percepção crítica e com desejo de transformação social e emancipação dos sujeitos. Assim, o objetivo do estudo foi analisar a percepção de docentes de EFE acerca da função pedagógica da sensibilidade em suas aulas e quais os desdobramentos dessa postura na construção de uma EFE crítica. Optou-se por uma pesquisa qualitativa, investigando o fenômeno a partir de uma abordagem relacional, dialógica e colaborativa. Os sujeitos que colaboraram no estudo são estudantes do Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (ProEF), que participaram de um Círculo Dialógico Investigativo-Formativo via Google Meet. Os resultados apontaram para três grandes categorias a saber: entrada no diálogo sobre a sensibilidade humana crítica nas aulas de Educação Física; solidificando a sensibilidade crítica como um elemento da ação pedagógica; diversificando a leitura da sensibilidade crítica na docência. A partir dos achados concluímos que, apesar de não ser considerada um elemento didático específico, existe uma valorização da sensibilidade crítica pelos docentes investigados apesar dos desafios surgidos a partir do embrutecimento no ambiente escolar por parte de outros agentes.

**Palavras-chave:** Escola. Valores Humanos. Didática da Educação Física. Trabalho docente.

## FOR CRITICAL SCHOOL PHYSICAL EDUCATION COMMITTED TO HUMAN SENSIBILITY

**Abstract:** The point of approach in this research concerns understanding the need to look at human sensibility in the pedagogical action of School Physical Education (SPE), understanding it as a constituent element of it. But, it should be noted that, unlike some traditional or neoliberal documents, we are based on a critical perception and a desire for social transformation and emancipation of subjects. Thus, the objective of the study was to analyze the perception of SPE teachers regarding the pedagogical

<sup>1</sup> Doutor em Desenvolvimento Humano e Tecnologias pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Professor Permanente do Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará. Membro do ProFut - Grupo de Estudos e Pesquisas dos Aspectos Pedagógicos e Sociais do Futebol. Membro do Grupo de Pesquisa em Educação, Saúde e Exercício Físico. E-mail de contato: [raphaell.martins@ifce.edu.br](mailto:raphaell.martins@ifce.edu.br)

<sup>2</sup> Mestrando no Curso de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará. Professor da Secretaria Municipal de Educação de Fortaleza. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Física Escolar e Relações com os Saberes (GEPEFERS). Membro do Grupo de Pesquisa em Educação, Saúde e Exercício Físico. E-mail de contato: [lucasluan.brito@educacao.fortaleza.ce.gov.br](mailto:lucasluan.brito@educacao.fortaleza.ce.gov.br)

<sup>3</sup> Mestrando no Curso de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará. Professor da Secretaria Municipal de Educação de Fortaleza. Membro do Grupo de Pesquisa em Educação, Saúde e Exercício Físico. E-mail de contato: [rodrigo.vale@educacao.fortaleza.ce.gov.br](mailto:rodrigo.vale@educacao.fortaleza.ce.gov.br)

function of sensibility in their classes and the consequences of this stance in the construction of a critical SPE. We opted for qualitative research, investigating the characteristics from a relational, dialogical and collaborative approach. The subjects who collaborated in the study are students of the Professional Master's Degree in Physical Education on a National Network (PMDPEN or in Portuguese PROEF), who participated in an Investigative-Formative Dialogical Circle via Google Meet. The results pointed to three categories: entry into the dialogue about critical human sensibility in Physical Education classes; solidifying critical sensibility as an element of pedagogical action; diversifying the reading of critical sensibility in teaching. From the results we conclude that, despite not being considered a specific didactic element, there is an appreciation of critical sensitivity by the teachers investigated despite the challenges arising from the brutalization in the school environment by other agents.

**Keywords:** School. Humans values. Didactics of Physical Education. Teaching work.

## **POR UNA EDUCACIÓN FÍSICA ESCOLAR CRÍTICA COMPROMETIDA CON LA SENSIBILIDAD HUMANA**

**Resumen:** El punto de enfoque de esta investigación es comprender la necesidad de mirar la sensibilidad humana en la acción pedagógica de la Educación Física Escolar (EFE), entendiéndola como un elemento constitutivo de la misma. Sin embargo, cabe señalar que, a diferencia de algunos documentos de carácter tradicional o neoliberal, nos guía una percepción crítica y un deseo de transformación social y emancipación de los sujetos. Así, el objetivo del estudio fue analizar la percepción de los profesores de EFE sobre la función pedagógica de la sensibilidad en sus clases y las consecuencias de esta postura en la construcción de una EFE crítica. Optamos por la investigación cualitativa, investigando el fenómeno desde un enfoque relacional, dialógico y colaborativo. Los sujetos que colaboraron en el estudio son estudiantes de la Maestría Profesional en Educación Física en Red Nacional (ProEF - la sigla em portugués), quienes participaron de un Círculo Dialógico Investigativo-Formativo vía Google Meet. Los resultados apuntaron hacia tres categorías principales: entrada al diálogo sobre la sensibilidad humana crítica en las clases de Educación Física; solidificar la sensibilidad crítica como elemento de acción pedagógica; diversificar la lectura de la sensibilidad crítica en la enseñanza. De los hallazgos se concluye que, a pesar de no ser considerado un elemento didáctico específico, existe una apreciación de la sensibilidad crítica por parte de los docentes investigados a pesar de los desafíos derivados de la brutalización en el ambiente escolar por parte de otros agentes.

**Palavras-clave:** Escuela. Valores Humanos. Didáctica de la Educación Física. Trabajo docente.

### **Introdução**

A Educação Física escolar viveu, em toda a sua historiografia, um permanente entre-lugar (Bhabha, 2010) daquilo que as políticas educacionais, as correntes teórico-metodológicas, o imaginário popular, a Formação de Professores/as em Educação Física, entre outras perspectivas visualizam da sua função social e o que realmente acontece em grande parte das escolas brasileiras. Isso não é uma sedução para inferir que o que se deseja é melhor ou pior do que efetivamente acontece nas aulas de Educação Física, simplesmente precisa-se dar mais enfoque aos fatos que acontecem no cotidiano das instituições de ensino.

Por isso, a premissa dessa discussão se situa na reflexão dos fenômenos das vidas nas aulas de Educação Física ao invés de ficar cogitando as grandes mudanças geracionais da área de Educação Física escolar, que são necessárias e precisam ser pautas de confrontação inextinguível. Isto posto, adota-se uma junção de esforços para atrair a percepção para a iminência do diálogo sobre a dimensão da sensibilidade docente nas aulas de Educação Física escolar.

O campo de interesse desta investigação se situa na expectativa dos/as docentes perante a necessidade de um princípio da sensibilidade humana em sua ação pedagógica nas aulas de Educação Física escolar, assumindo o trato com a sensibilidade como mais um elemento constituinte do que seriam os pressupostos fundamentais para a intervenção pedagógica. Realçando que as correntes e abordagens pedagógicas que são vinculadas a propostas tradicionais e neoliberais de ensino também têm apontado aspectos para a sensibilidade nas aulas de Educação Física, mas não se comprometem com a transformação, emancipação e o pensamento crítico que o olhar da sensibilidade humana exige.

Etimologicamente explorando, a sensibilidade pode ser acolhida em suas dimensões seminal e anímica (Araújo, 2009). Na leitura de Abbagnano (1962, p. 872) a sensibilidade está na “esfera das operações sensíveis do homem”, revela a “capacidade de receber sensações e de reagir aos estímulos”.

O movimento do presente estudo é “dar um passo atrás” ao reconhecer que só é exequível a aprendizagem da dimensão atitudinal se essa prerrogativa da sensibilidade humana estiver circunscrita na ação pedagógica dos/as professores/as de Educação Física, como também potencializada pelas condições reais de trabalho na escola que garantam a produção de uma docência sensível e crítica.

Destaca-se que, ao tatear a análise da sensibilidade humana na ação pedagógica nas aulas de Educação Física, não se ignora o fato da escola brasileira ser estruturalmente um produto muito bem acabado dos preceitos neoliberais que elabora a antítese do afeto, pois as instituições de ensino não valorizam como ato fundante o acolhimento, o cuidado, a sensibilidade, a diversidade, a pluralidade, a amorosidade, o diálogo, a estética, a ética, e tudo aquilo que apontaria por um modelo de educação que gerasse uma dessemelhança com uma parte da sociedade brasileira, que “sem muitos rodeios” é perversa e hostil para a grande maioria dos/as brasileiros/as.

As condições de trabalho nas escolas, e, por conseguinte, nas aulas de Educação Física, levam tanto para o embrutecimento docente, como também para o embrutecer das/dos discentes. Na verdade, quanto mais se “embrutece” a capacidade inventiva e criadora do/a educando/a e da/do docente, eles/as são disciplinados/as a fazerem perguntas e respostas que não levam à transformação social e à humanização crítica (Freire, Faundez, 2011). Isto é, quando são incentivados/as a fazer perguntas nas aulas de Educação Física.

Apesar disso, ocorre diariamente uma situação potente e transgressora dentro das escolas há muitos anos, que são as ações pedagógicas de docentes implicados/as e engajados/as com uma educação mais sensível, humanista, crítica, justa socialmente e calcada no bem viver compartilhado entre os/as professores/as e os grupos de estudantes. Em alguns casos, são essas locomoções na experiência pedagógica Tateada pela sensibilidade crítica que endossam a permanência e algum tipo de êxito estudantil na trajetória escolar. Apesar desta situação relevante nas ações educativas de vários/as docentes, o embrutecimento no contexto escolar pode fazer, com o tempo, que profissionais compromissados/as deixem de se importar com o ponto de vista da sensibilidade crítica e com as relações que ocorrem nas aulas, tendendo a naturalizar comportamentos hostis e assumindo uma docência conservadora.

Julga-se relevante atenuar que, neste estudo, alinha-se a sensibilidade ao pensamento crítico, pois sem a leitura de mundo reflexiva, atenta, rigorosa e crítica, qualquer estímulo para a sensibilidade docente - como ação pedagógica e postura mais acolhedora e humana com as/os estudantes - pode ser ponderado como uma forma sorrateira de “romantizar” e “adocicar” as almas estudantis para aceitar as mazelas sociais, igualmente as contradições que surgem diariamente nas instituições de ensino por uma percepção de positividade tóxica<sup>4</sup>.

Por causa disso, apoia-se nas convicções de Martins e Santos (2023) ao apostarem na perspectiva crítica, pois, segundo os autores, proporciona um método de acessar a Educação Física que possibilita articular o saber com o saber-fazer e, especialmente, de como se relacionar com esses saberes da Educação Física de forma situada com as grandes questões sociais, compromissados com a justiça social e imbuída de valores humanos progressistas que prezam

---

<sup>4</sup> A positividade tóxica em síntese seria a necessidade humana de se apresentar sempre bem em todos os momentos de sua vida, sejam estes difíceis ou não, impossibilitando situações de aflição quanto a problemas do cotidiano, no qual cada vez mais as pessoas vêm tentando transparecer que tudo que acontece na sua vida tem um propósito e que nada é motivo para se deixar triste e abalado (Almeida; Silva, 2023).

pela democracia e pluralidade cultural.

Por tudo exposto, compartilham-se a seguir as conjecturas do que alicerça a base deste componente da sensibilidade crítica na docência na Educação Física escolar, pois a reflexão empreendida neste texto reconhece que todos os afetos (seja esse, uma afetação boa para quem oferece e para quem recebe, seja um afetar-se limitante) e sentimentos envolvidos na ação pedagógica são importantes. Tanto as emoções dos/as estudantes, como também as emoções e sensibilidade dos/as docentes e de quem participa efetivamente da comunidade escolar. Seria nesta comunhão da vida compartilhada nas aulas Educação Física que habita o mote das nossas análises e se pretende apontar a seguir os caminhos deste balanço teórico.

### **A sensibilidade crítica como elemento da ação pedagógica na Educação Física escolar**

Neste tópico compartilham-se os subsídios do que se delimita como as presunções do que pode potencializar e estarem pactuados com o ato da sensibilidade crítica nas aulas de Educação Física. Os primeiros referenciais admitidos para o presente estudo foram os preceitos de Paulo Freire em seu livro célebre, o “Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa” (Freire, 2011). Nesta obra foram extraídas quatro concepções sobre as exigências das intervenções do ensinar que se amarram muito bem com o que se entende de sensibilidade crítica na ação pedagógica.

Destaca-se que a preferência por Paulo Freire e o livro Pedagogia da Autonomia não foi por mera conveniência de utilização de um autor que já é muito requisitado nas ciências da educação. Pois, nesta obra, o próprio autor tornou evidente que a proposta foi compartilhar saberes indispensáveis à prática docente de educadoras ou educadores críticos, progressistas, contudo alguns deles são igualmente necessários a educadores conservadores (Freire, 2011).

O primeiro aspecto foi que ensinar exige bom-senso, pois não se considera possível respeitar as/os estudantes, a sua dignidade, o seu ser formando-se, a sua identidade em construção, se não se toma como referência as condições em que eles/elas vêm existindo, se não se reconhece a importância dos “conhecimentos de experiência feitos” com que chegam até a escola (Freire, 2011, p. 44).

O segundo preceito foi que, para possuir sensibilidade crítica, deve-se assumir a alegria e a esperança na docência. Para Freire (2011) existe uma relação entre a alegria necessária à

ação educativa e a esperança. A esperança de que o/a professor/a junto do grupo de estudantes de forma coletiva possam aprender, ensinar, inquietar-se, produzir e, de forma colaborativa e equânime, resistir aos obstáculos que surgem perante a alegria de grande parte da população brasileira.

A terceira condição indispensável para o ambiente da sensibilidade na docência é o saber escutar. Somente quem escuta, paciente e criticamente, o/a outro/a, fala autenticamente com o/a outro/a, mesmo que, em certas condições, precise efetivamente falar a outrem (Freire, 2011). De acordo com o autor, a/o docente que verdadeiramente escuta, consegue aprender a difícil lição de transformar o seu discurso, às vezes necessário, ao estudante, em uma fala participativa e dialogada com ele/ela.

A quarta e última condição eleita do livro *Pedagogia da Autonomia* para prover a sensibilidade crítica nas aulas de Educação Física foi o comportamento de “querer bem os/às educandos/as”. Na lógica de Freire (2011) essa abertura ao querer bem não significa, na verdade, que, porque na situação de professor/a, ocorre uma obrigatoriedade de querer bem a todos/as alunos/as de forma igualitária. Significa, de fato, que a afetividade não pode assustar a/o docente, que não se sinta amedrontado de se expressar de forma sensível em suas aulas.

Aproveita-se para ilustrar que, na área de Educação Física escolar, Martins (2022) já vem realizando essa reflexão da própria ação pedagógica e quais são os seus princípios para produzir uma Educação Física crítica, e foi nesta caminhada para ler a própria intervenção pedagógica que surgiu o “CASE”, que abrevia as palavras: Crítica; Alegria; Sintonia; e Engajamento.

A opção pela alegria nas aulas de Educação Física se justifica por um projeto de ensino e aprendizagem que permite ser feliz durante a tematização e problematização dos objetos de conhecimento, e acreditamos que a junção da perspectiva crítica e a alegria no contexto de ensino, pode suscitar uma correlação pouco usual, mas o ideal seria produzir ambientes de ensino e aprendizagem em que ser feliz não se distancie do pensamento crítico das práticas corporais nas aulas de Educação Física (Martins, 2022).

Em compensação verifica-se que nestas estimativas para o ensinar de Freire (2011) e Martins (2022) a/o docente precisa ser “agasalhado” por uma rede de apoio que também se assente estar sensibilizada para a aprendizagem crítica. Dado isso, aposta-se no conceito de bem

viver de forma compartilhada como uma reivindicação da sensibilidade crítica nas aulas de Educação Física ao determinar que não se pode permitir um esforço hercúleo por parte do/a professor/a para transitar pela sensibilidade crítica se a turma de ensino também não trilha rumo a um ambiente propício ao bem viver de forma coletiva.

O conceito do Bem Viver (*Bien Vivir/Vivier Bien*) surge na região andina, na América do Sul – desde o sul da Venezuela até o norte da Argentina – e deriva por um lado, do Quechua (*runa simi*) e, por outro, do Aimara (*aymará jaya mara aru*), que são idiomas pré-hispânicos da região andina. Nesse sentido, o Bem Viver relaciona-se à melhoria da qualidade de vida das pessoas (alimentação, vestimenta e habitação, por exemplo), o que se obtém por meio da educação, das relações familiares, trabalho, hábitos e ambiente (Alcântara; Sampaio, 2017).

Por esta razão, a dignidade e validade da Educação Física deve estar relacionada com sua capacidade de justificar sua presença na escola como uma “sabedoria de viver”, que envolve dimensões da vida humana para além do tempo específico de trabalho tanto quanto para além da lógica da mercadoria (Silva; Fensterseifer; Prestes, 2023, p. 123). É este vislumbre que aloja as circunstâncias pretendidas para produzir a sensibilidade crítica nas aulas de Educação Física.

Para complementar e manter-se coerente na idealização de uma Educação Física crítica, comprometida com a sensibilidade humana, julga-se que todo o processo relacional entre os/as professores/as e a turma de ensino, resguardado pela sensibilidade, se materializa como um resultado do saber cuidar e aceitar ser cuidado em um ambiente de ensino em que o afeto e o acolhimento são parte constituinte da ação pedagógica.

Cuidar é mais que um ato, é antes de tudo, uma atitude e, neste estudo, afirma-se como uma postura política para com a Educação Física crítica. Representa uma atitude de ocupação, preocupação, de responsabilização e de envolvimento afetivo com o/a outro/a, durante as aulas de Educação Física (Boff, 1999).

Para Boff (1999) o cuidado possui uma dimensão ontológica que entra na constituição do ser humano. É um modo-de-ser singular da humanidade. Sem cuidado deixa-se de ser humano. Em razão disso, perseverar-se na imagética de que a sensibilidade humana como elemento da ação pedagógica é um dispositivo fabuloso para produzir aulas de Educação Física situadas, engajadas, contextualizadas, diversas e ancoradas na justiça social e no pensamento crítico.

Nesse sentido, a sensibilidade humana como característica ímpar é essencial para uma docência que supere o repasse de informações. Citando Charlot (2019) o/a professor/a de informação, é aquele/a que na lógica bancária somente repassa informações e está sujeito a ser superado em tempos de acesso às informações de forma difusa e rápida. Assim há necessidade de ser um/a professor/a de saber, que transforma a informação em um saber significativo para o/a discente, se transformando no/a docente do afeto.

### **Destinação do estudo**

Após partilhar toda essa exposição sobre a função social da sensibilidade crítica nas aulas de Educação Física, expõem-se as principais alegações e justificativas para a produção deste manuscrito. Presume-se que mesmo propalando com frequência a importância de uma ação pedagógica sensível, esse tipo de comportamento ainda é muito fracionado ou com baixa regularidade nas escolas.

Isso não quer incorrer no anseio de citar que não exista a associação da sensibilidade crítica nas aulas de Educação Física, pelo contrário, calcula-se que seja esse o principal motor que faz os/as professores/as saírem de suas residências todos os dias para elaborarem a sua ação pedagógica mesmo diante de tantas barreiras. Mas precisamos ouvir e consultar mais os/as docentes de Educação Física para tratar melhor sobre esse assunto da sensibilidade humana na ação pedagógica. Reconhece-se que os/as professores/as são os que efetivamente têm buscado amenizar as pressões das instituições de ensino.

Por esse motivo, esse texto busca como destinação para interesse de leitura, apreciação e reflexão crítica os/as professores/as que já se implicam com uma Educação Física mais sensível e humana, assim como, ser foco de questionamento e inspiração para as/os docentes que almejam tornar as suas aulas mais agradáveis e prazerosas sem perder o rigor e o pensamento crítico. Sendo assim, a intenção do presente estudo foi analisar a percepção de docentes de Educação Física acerca da função pedagógica da sensibilidade em suas aulas e quais os desdobramentos dessa postura na construção de uma Educação Física crítica.

### **Procedimentos metodológicos**

O tipo de estudo que melhor oportunizou inferências para os desejos da presente pesquisa foi do tipo qualitativo. Para o modelo qualitativo é fundamental a consideração da

existência de uma relação dinâmica entre o mundo real e os sujeitos, uma interdependência entre o mundo objetivo que se deseja conhecer e a subjetividade do/a pesquisador/a. O mundo é visto como uma realidade complexa, não sendo cognoscível de maneira adequada por meio de fracionamentos, “recortes”, que não levem em consideração esta sua característica de analisar a conjunção e variedade dos fenômenos (Silva, 1996).

Para tanto, a abordagem investigativa nomeada para subsidiar os procedimentos metodológicos foi a de estrutura relacional, dialógica e colaborativa, pois são pesquisas que visam conhecer as pessoas e estudar os fenômenos humanos e sociais da maneira mais interligada e em coparticipação possível. A pesquisa colaborativa e dialógica determina também que fazer ciência (como qualquer outra atividade), envolve uma decisão e um posicionamento político (Souza, 2021).

Diante disso, o cenário da pesquisa foram as/os estudantes da primeira turma do Curso de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (ProEF) do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE). A justificativa por esse contexto da pesquisa ocorre pelo objetivo do ProEF visar à qualificação de professores/as efetivos/as diplomados/as em cursos de Licenciatura na Educação Física, em exercício docente na Carreira do Magistério da Educação Básica, na rede pública de ensino, em conformidade com a política do Ministério da Educação (PROEF, 2023).

Assim sendo, o ProEF promove a formação de docentes que tenham o compromisso de articular, mediar e intervir na aprendizagem da área, compreendendo as diversidades do processo de construção de uma sociedade democrática e plural, utilizando-se de metodologias e tecnologias no fortalecimento de projetos individuais e coletivos (PROEF, 2023).

Os/As colaboradores/as da pesquisa já são professores/as-pesquisadores/as da sua própria ação pedagógica e estão buscando a otimização desse posicionamento por meio do ProEF/IFCE. Essa condição se apresenta como adequada, pois já existe um movimento anterior à pesquisa de análise e reflexão da própria intervenção pedagógica. Por essa razão, estabelecer um diálogo, relacional e colaborativo com este grupo torna-se instigante por acreditar que se pode entender melhor a função social da sensibilidade humana na experiência pedagógica crítica nas aulas de Educação Física.

O critério de inclusão na pesquisa foi o aceite dos/as professores/as do ProEF/IFCE para

participar do estudo, como também, se colocar à disposição das técnicas investigativas adotadas para o presente trabalho. Destaca-se que todas e todos as/os estudantes da primeira turma foram convidados/as a fazer parte do estudo (exceto aqueles que estão como pesquisadores). Ou seja, a turma possui 8 alunos/as, desse grupo, dois estavam na feitura do manuscrito, sobraram 6 possíveis participantes. Após consulta ao grupo de estudantes, quatro docentes aceitaram e manifestaram amplo interesse em colaborar com a pesquisa.

Acentua-se que os quatro participantes (três homens e uma mulher) são do Estado do Ceará, sendo três do município de Fortaleza, capital do Ceará. E outro integrante, do município de Quixeré, que fica na mesorregião do Jaguaribe, também no Estado do Ceará. No grupo, temos docentes que trabalham na Educação Infantil, no Ensino Fundamental e no Ensino Médio.

Resguardando o compromisso ético da pesquisa, preferiu-se associar nomes fictícios aos/às colaboradores/as da investigação, mesmo entendendo que, na pesquisa dialógica, relacional e colaborativa, as pessoas que se comprometem e se implicam no estudo possuem uma condição de co-participantes da elaboração do constructo argumentativo do trabalho. No entanto, neste manuscrito em específico, decidiu-se optar pela terminologia figurativa.

Nesse sentido, a analogia para designar os nomes dos/as colaboradores/as foi ancorada nos povos latinos que fundamentaram as bases do conceito de bem viver e que estão muito bem descritos no texto de Mamani (2010). Optou-se pelos seguintes termos: Aymara (Bolívia); Mapuche (Chile); Kolla (Argentina); e Embera (Colômbia).

Seguindo a infraestrutura da pesquisa relacional, dialógica e colaborativa, a técnica para mapeamento dos dados foi o Círculo Dialógico. Uma das circunstâncias dessa proposta pedagógica e, neste caso em específico, deste expediente metodológico, é a ideia de que ninguém educa ninguém e tampouco ninguém se educa sozinho/a, a educação é um ato coletivamente instaurado, solidário, é um ato de amor (Brandão, 2017).

Os acontecimentos metodológicos do Círculo Dialógico Investigativo-formativo não ocorrem de forma linear ou de forma estanque, todos/as estão imbricados/as uns/umas nos/as outros/as, dentro da sistemática dialética em forma de espiral (Henz, Freitas, 2015).

Alguns aspectos são considerados caros para o Círculo Dialógico, tais como, o respeito e a garantia da palavra, o diálogo provocativo, o movimento de colocar-se na perspectiva de

outrem, como também, a caminhada para si (Josso, 2010), o levantamento de temáticas que estejam alinhadas à proposta de pesquisa, o desvelamento da realidade, as várias formas de registro individual e coletivo e a conscientização (Freire, 2011). Para tal, a pesquisa teve duas etapas, a primeira foi a implementação do Círculo Dialógico, e a segunda etapa se deu com a apresentação e reflexão colaborativa dos registros e achados do momento de encontro por meio do Círculo Dialógico. Nesta segunda etapa, os/as participantes receberam a transcrição dos relatos proferidos no Círculo Dialógico.

O mecanismo para analisar o corpus também segue o fluxo da pesquisa dialógica, relacional e colaborativa. Nesse tipo de investigação evita-se ao máximo que o/a pesquisador/a analise e interprete sozinho/a, na frente do seu computador, os materiais coletados. Tratando de uma busca por uma autoria compartilhada, é importante que suas reflexões e produções sejam conhecidas e comentadas por seus sujeitos, que são (co)criadores da pesquisa (Souza, 2021). Por isso, após a coleta dos dados em sua matéria prima, faz-se uma seleção e categorização prévia e convida novamente os/as interlocutores/as para implicar-se sobre aquilo que foi mapeado.

A metodologia foi a seguinte, após a realização do Círculo Dialógico foi realizado uma aproximação das quatro falas sobre a discussão realizada na primeira parte do encontro, esse agrupamento virou a seguinte categoria: Entrada no diálogo sobre a sensibilidade humana crítica nas aulas de Educação Física. Em seguida, foi realizado algumas discussões que foi demarcado como a segunda parte da atividade, a análise de todos esses depoimentos se transformou na seguinte categoria: Solidificando a sensibilidade crítica como um elemento da ação pedagógica. No final do Círculo Dialógico foi abordado alguns assuntos que ao serem relacionados geraram a seguinte proposta de categoria: Diversificando a leitura da sensibilidade crítica na docência.

Os procedimentos éticos que se assumiram no presente estudo foram os seguintes: para participar do Círculo Dialógico era necessário inicialmente assinalar a opção que concordava com o aceite de participação no estudo. Sem essa ação, era impossível o sujeito avançar para as próximas seções, que seria estar no próprio Círculo Dialógico, após o encontro, ler as transcrições, para somente assim, o material compor o texto final da pesquisa.

O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), sobressai que essa posição foi

tomada na etapa que antecedeu o Círculo Dialógico, amparada no art. 1º da Resolução Ministério da Saúde/Conselho Nacional de Saúde nº 510 (2016), que dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais. Isso implica informar que não foi registrada nem avaliada pelo sistema de Comitês de Ética em Pesquisa da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa - CEP/Conep “pesquisa de opinião pública com participantes não identificados” (Resolução MS/CNS n. 510, 2016). Por isso, os/as participantes tinham compreensão de que não seriam identificados/as caso concordassem em participar do trabalho.

### **Contextualizando o Círculo Dialógico**

Nesta etapa de compartilhamento e processamento dos resultados deste estudo dialógico, relacional e colaborativo, pretende-se prontamente contextualizar como ocorreu o Círculo Dialógico. Após o convite e aceitação de quatro docentes foram apresentadas opções de datas que pudessem permitir a presença simultânea de todas e todos os/as participantes. O formato mais conveniente para promover o círculo dialógico foi por meio de reunião virtual, adotando o aplicativo *Google Meet*, pois as/os participantes residem em localidades distantes do Estado do Ceará e, neste modelo, poderia garantir a presença de todas e de todos. Respeitável informar que o encontro foi gravado, mediante autorização de todos/as que estavam presentes no Círculo Dialógico e as transcrições foram realizadas, com base neste material arquivado.

Já sobre o Círculo Dialógico em si, que ocorreu no dia 19 de janeiro de 2024, na primeira parte do encontro, os/as professores/as-pesquisadores/as deste estudo apresentaram, para os/as colaboradores/as da pesquisa, os referenciais teóricos (Freire, 2011; Martins; Santos, 2023; Boff, 1999; Silva; Fensterseifer, Prestes, 2023) que fundamentam o que está sendo determinado como sensibilidade crítica na ação pedagógica nas aulas de Educação Física. Essa condição preparatória foi para demonstrar para o grupo de professores/as que o desejo do estudo não era de “constranger” quem estava participando se em sua intervenção pedagógica se apoiam, ou não, em uma perspectiva de sensibilidade docente defendida no estudo.

De maneira oposta, iniciar pela compreensão do constructo argumentativo do que se está pontuando como sensibilidade crítica na docência em Educação Física poderia ser uma forma autêntica de convidar e seduzir as professoras e os professores a reconhecerem que essa aparente sensibilidade humana crítica já está garantida em seu agir pedagógico e não tinha sido

amadurecido do ponto de vista da análise sobre a sua importância e impacto como um elemento constituinte da didática do ensino da Educação Física crítica pela ausência de diálogos e reflexões como a proposta pelo Círculo Dialógico.

Portanto, para sistematizar de forma mais razoável os resultados alcançados por meio do Círculo Dialógico, determinaram-se como categorização as etapas estruturadas no próprio fluxo de trabalho do encontro, tendo em vista que a atividade promoveu três grandes momentos que não foram abordados de forma separadas. Os/As colaboradores/as se permitiram dialogar com seriedade e leveza sobre o assunto por não perceber que naquele momento estavam participando de uma pesquisa. Além disso, uma característica importante de ser citada referente a esse grupo é uma abertura para diferentes discussões que englobam a Educação Física, sendo essa reforçada mesmo antes da pesquisa (em encontros pelo Mestrado).

Por isso, não foi mencionado ou percebido que tratamos o Círculo Dialógico em três fases. Na prática, estavam todos/as buscando um entendimento acerca da ação pedagógica e como a sensibilidade docente se insere nas tomadas de decisões, problematizações, tematizações, relações e vivências em suas aulas de Educação Física.

### **Entrada no diálogo sobre a sensibilidade humana crítica nas aulas de Educação Física**

A fase de entrada na discussão se deu após a exposição e conceituação da sensibilidade crítica na ação docente, foi apresentado ao grupo a sistematização de conceitos e ideias do que estamos acordando como a tal sensibilidade crítica na docência. Para movimentar o grupo colaborativo, foi levantada a seguinte questão: “indique uma palavra que pode representar a sensibilidade humana na docência”. O primeiro a participar foi o professor Aymara, que fez o seguinte comentário, “*acho que vem já de imediato o cuidado. Sensibilidade e cuidado, acho que estão interligados*”. Na concepção de Boff (1999), é no cuidado que se identificam os princípios, os valores e as atitudes que fazem da vida um bem-viver, e das ações, um reto agir.

Começar com a indicação da palavra “cuidado” só reafirmou o quanto foi providencial começar o Círculo Dialógico com uma breve explanação do que se delimitou como sensibilidade crítica na docência em Educação Física. O segundo a se posicionar foi o professor Mapuche que elaborou a seguinte menção, “*quando eu penso nessa palavra eu lembro de ética. Compromisso relacionado ao outro, a si também, e a toda uma estrutura*”.

A palavra ética também transita na perspectiva de Leonardo Boff em se comprometer com o saber cuidar, que se tomou emprestado para a lógica da sensibilidade crítica para a docência nas aulas de Educação Física. Como descreve o autor que, na ética da responsabilidade, da solidariedade e da compaixão, fundada no cuidado, no valor intrínseco de cada coisa, no trabalho bem feito, na competência, na honestidade e na transparência das intenções, é a base do saber cuidar (Boff, 1999). Freire (2011) nos lembra da necessidade da ética sempre estar acompanhada da estética. Em uma junção de decência e boniteza de mão entrelaçadas.

O terceiro a participar deste momento de diálogo foi o professor Kolla, que foi bem enfático ao pronunciar que “*penso na palavra empatia*”. Neste quesito a respeito do que faz as pessoas se tornarem mais sensíveis, Boff (1999) determina que está intimamente ligado à capacidade de simpatia, empatia, dedicação, cuidado e à comunhão com o diferente. Por conseguinte, mais a frente no círculo dialógico, esse fenômeno de se envolver com a outra e o outro, para além das correlações com os saberes específicos da área de Educação Física, será tratado novamente. Freire (2011) já colabora nessa discussão com a função da amorosidade na ação educativa. Ao firmar que se deve desenvolver a amorosidade pelos/as educandos/as com quem se compromete ao processo formativo de ensinar Educação Física.

A última resposta veio com o professor Embera, que explanou sobre “*o cuidado é praticamente o sinônimo do amor. No amor, naquela acepção do amor ágape. Que é o amor que transcende a questão do amor eros, do amor paixão*”. Observa-se que nesta primeira fase do círculo dialógico, a análise sobre a relação da sensibilidade crítica na ação docente ficou muito próxima das sugestões e recomendações do saber cuidar de Leonardo Boff e aos vários preceitos de Paulo Freire, ou seja, de quatro docentes, dois fizeram essa conexão direta entre o cuidado e a sensibilidade na ação pedagógica.

Em razão disso, Freire (2011) aponta que ensinar exige comprometimento que se vincula muito bem com o cuidado e sensibilidade, pois na condição de professor/a não se pode passar despercebido na vida dos/as estudantes, ao reconhecer que a presença docente é antes de tudo política.

### **Solidificando a sensibilidade crítica como um elemento da ação pedagógica**

Na segunda etapa da discussão, procurou-se alinhar a sensibilidade docente como mais um pressuposto da ação educativa para se ensinar de forma crítica os objetos de conhecimentos específicos da área de Educação Física. Desde a introdução deste estudo, sugere-se que a sensibilidade docente é tão necessária como planejar os objetivos, conteúdos, métodos de ensino, práticas avaliativas e os relacionamentos entre docente e estudantes. O questionamento disparador colocado no centro do círculo dialógico foi o seguinte: vamos pensar coletivamente, essa dimensão da sensibilidade deve ser considerada um elemento da ação pedagógica?

A primeira reflexão foi do professor Professor Kolla, que estipulou a seguinte análise: *“eu não sei se é um elemento, como é que eu posso dizer? Tipo aquela coisa assim, do conteúdo oculto né? Essa sensibilidade, ela é uma coisa que ninguém comenta, ninguém fala, mas que é fundamental”*. Essa dimensão imaterial da sensibilidade humana na ação docente, no qual o professor Kolla aloca o lugar deste elemento quando se pensa como constituinte da ação pedagógica, também foi localizada pelo professor Mapuche.

Na exploração do professor Mapuche, a sensibilidade crítica está reservada à dimensão política da docência em Educação Física. Como percebido na seguinte passagem de seu depoimento, *“ela pode não estar corporificada, a gente não pode descrevê-la, como a gente descreve um objetivo, como a gente descreve uma metodologia. Mas ela atravessa, ela perfura as nossas inquietações anteriores, durante e posterior às nossas aulas”*.

Neste exercício de examinar a função da sensibilidade humana na intervenção pedagógica, o professor Mapuche continuou elaborando a sua linha de raciocínio com a seguinte alegação:

*“Quando mencionei anteriormente sobre a questão da sensibilidade como uma questão política, é porque tanto a gente, como os nossos alunos, eles são atravessados por diversas marcas. E todas as posições que eles colocam e as posições que nós colocamos, são esses atravessamentos das nossas histórias de vida, das nossas marcas identitárias que querendo ou não, vão se rotulando ou sendo contra os rótulos, eles vão atravessando as nossas marcas corporais. Então, querendo ou não, isso também vai implicar na forma como o outro é sensível com a gente e em como você é sensível com o outro”* (Professor Mapuche).

Com essa segunda intervenção do professor Mapuche, admite-se que não seria adequado sustentar a sensibilidade humana como um elemento básico e estanque dos princípios da ação educativa. Mesmo entendendo e reconhecendo que a eleição dos objetivos, conteúdos, métodos de ensino e modelos de avaliação, também são afetados por uma dimensão latente dos contornos políticos. Dessa maneira, a sensibilidade crítica é a pura essência da afirmação política na ação pedagógica. Por essa inflexão, a sensibilidade docente seria algo transversal a todas as etapas, que envolve o fazer/pensar/agir pedagógico nas aulas de Educação Física. Essa circunstância seria o que Freire (2011) sustenta como a decisão ético-político fundamental de intervir no mundo com criticidade.

Após esse volumoso material de ideias do professor Mapuche, o Círculo Dialógico se mostrou mais efetivo por autorizar a diversidade de pensamento. Nesse caso, o professor Aymara envergou a discussão para um novo horizonte. Ao trazer para o centro do Círculo Dialógico a seguinte contemplação, “*na minha visão, a sensibilidade, eu ainda considero como algo próprio da pessoa. Algo que, têm pessoas que vão ter mais sensibilidade do que outras*”. Neste momento da discussão, o professor Aymara expressava uma certa dificuldade de compreender a sensibilidade humana na docência como as/os demais estavam avaliando.

Em seguida, compartilha mais um comentário sobre como estava averiguando a sensibilidade humana na docência em Educação Física.

Não sei se consigo colocar diretamente como um elemento pedagógico necessário para um bom professor, mas como uma característica de um bom professor. Então, o que está mais martelando na minha cabeça é como ensinar, na questão da formação de professores, o docente a ser mais sensível? Como que o professor, ele vai se tornar mais sensível se, às vezes, por si só, ele não quer ser essa pessoa? (Professor Aymara).

Neste momento, o grupo teve outra perspectiva sobre a função da sensibilidade humana na ação pedagógica. Melhor dizendo, a sensibilidade humana é um aspecto socialmente e culturalmente construído nas relações humanas, que estaria no campo da dimensão política, ou, é algo delimitado pelo interesse pessoal e na esfera biológica. O que não descarta a possibilidade de que a partir do interesse subjetivo do sujeito, é possível que o uso do afeto também possa ser uma escolha política e ideológica e vice-versa.

Em outros termos, o professor Aymara acrescentou ao Círculo Dialógico, como seria

complexo para a formação de professoras e de professores esse tratamento metodológico da sensibilidade docente. Destaca-se que o Círculo Dialógico tratou desse assunto em outro momento do encontro, mas para esse trabalho foi delimitado a dimensão teórico-metodológica da discussão com a sensibilidade.

Todavia, a discussão ficou interessante e empolgante para o grupo colaborativo. Neste escopo, o professor Kolla adentrou no assunto controverso que estava acontecendo, e realizou a seguinte opinião, “*enquanto o Professor Aymara estava falando, fiquei pensando meio que nesse embrutecimento que vai acontecendo*”. Imediatamente faz uma pertinente ponderação.

O que foi que aconteceu na história da vida dessa pessoa (de trabalho, ou profissional) que chegou o ponto de não está nem aí para quem quer ensinar? Perdeu essa sensibilidade? Então eu acho que é algo que tem que ser falado, debatido, mas que o discurso não seja só conosco, como se fosse mais uma demanda nossa, que a gente tem que ter essa sensibilidade, porque as condições de trabalho é que vão contribuir para isso? E eu acho que é a grande maioria dos casos de professores que chegam a ficar falando mal de alunos, e pensam mesmo em sair da docência, porque talvez queiram algo a mais ali e não conseguem devido às condições de trabalho, isso esmorece as pessoas (Professor Kolla).

Relevante lembrar que, desde a confecção desse campo de investigação, o grupo de professores/as-pesquisadores/as idealizadores/as deste presente trabalho já tinham pleno acordo com o reconhecimento do contexto implicar na conduta sensível dos/as docentes. Como resultado, tutelamos como princípio da sensibilidade crítica os sentidos do bem viver compartilhado. O Bem Viver se constituiu em uma oportunidade para pensar outra realidade na qual os seres humanos formam parte de um todo mais harmônico com a natureza e com os outros seres humanos, com base na alteridade (Alcântara, Sampaio, 2017).

Entretanto, Boff (1999) alerta para a crise civilizacional pela qual estamos passando. Essa crise se manifesta por meio de sintomas como o descuido, o descaso e o abandono, resumindo: a falta de cuidado. O autor exemplifica algumas situações que demonstram essa crise do descuido e do descaso: trabalho infantil para alimentar a produção do mercado capitalista; pobres, marginalizados/as, desempregados/as e aposentados/as sendo negligenciados/as e excluídos/as da sociedade, não tendo mais nem a “oportunidade” de serem explorados/as pelo capital; abandono do sonho de generosidade, confraternização, pertencimento, gentileza e sociabilidade devido à hegemonia neoliberal, à criação de células

em detrimento a organismos, de bolhas que não se interligam, ao isolamento do indivíduo em detrimento ao coletivo.

Assim no comentário feito durante a discussão e de acordo com o supracitado percebemos que para além da educação formal, a estrutura de embrutecimento do sistema político e econômico que estamos pode levar a certos comportamentos, tornando-se um desafio a ser superado.

Neste gancho podemos trazer o fato bem problematizado por Han (2015) ao trazer os rastros da sociedade do cansaço que atua individualizando e isolando as pessoas, em situações em que o meu cansaço fica aqui e o seu cansaço fica lá. Ou seja, ao tratar da ausência da sensibilidade crítica na docência, em muitas ocasiões, cada educador e cada educadora vai tomando essa decisão de forma muito singular. No entanto, a escola do cansaço, que é a escola do não saber cuidar, que também é a escola do não bem viver compartilhado. Nos leva a situações em que tornar a aula mais humanista e sensível gera mais uma sobrecarga no docente.

Em função disso, precisamos alertar a comunidade acadêmica que não se constroem ambientes sensíveis para o ensinar e o aprender em que toda a estrutura ao redor está balanceada pela hostilidade, burocratização das relações e negligência das demandas, desejos, interesses, sentidos, projetos e expectativas de todos/as - sem restrição - que fazem parte desta comunidade escolar. Ou, como Andrade, Schmidt e Montiel (2022) nos convida a pensar na urgência do conhecimento de si e do contexto no qual estamos inseridos/as potencializando as possibilidades do estabelecimento de relações harmônicas e autênticas entre os indivíduos e o meio, fortalecendo o sentimento de empatia e responsabilidade consigo e com o/a outro/a.

### **Diversificando a leitura da sensibilidade crítica na docência**

No terceiro e último momento do círculo dialógico, a intenção foi sinalizar situações em que já ocorre alguma iniciativa da sensibilidade crítica na ação educativa e, neste momento de produção coletiva, se identifica como algo que influencia as ações pedagógicas nas aulas de Educação Física. Com essa finalidade, a estratégia caminhou pelo lado inverso da discussão. Em outros termos, não foi solicitado ao grupo que mencionasse exemplos exitosos de ações em que a sensibilidade crítica imperou na aula de Educação Física, mas o que se desejava saber era se, em algum momento, os/as docentes já se sentiram podados/as ou silenciados/as por se

envolverem de forma afetiva com as turmas de ensino.

À vista disso, se tem total ciência que o olhar, o agir e o refletir sensível do ponto de vista crítico não se transpõe como algo danoso nos processos educacionais. Mas por tudo que o Círculo Dialógico tinha partilhado até o momento, era que a ausência da sensibilidade humana é algo recorrente nas escolas, como também, uma certa perseguição e uma certa falta de crédito quando os/as docentes se submetem a trabalhar de forma sensível em suas aulas e em outros momentos.

O professor Aymara trouxe um exemplo da sua realidade, *“acaba uma aula, junta um grupinho de alunos e vão conversar com um professor depois do intervalo, acaba que vira motivo de piadinha, assim para os professores”*. Pois os comentários ácidos dos/as docentes são os seguintes, *“ele prefere estar lá com os meninos do que estar na sala de aula”*, ou então, *“gosta dos meninos? Fica lá com eles”*, nesse sentido, na interpretação do professor Aymara *“você ter um bom relacionamento com os alunos se torna algo negativo, algo pejorativo”*.

Essa supostamente seja a descoberta mais surpreendente do estudo. Tomando como base o grupo que se prontificou a refletir sobre a sensibilidade docente numa perspectiva crítica, já afirmaram que possuir uma sensibilidade humana é necessário, até mesmo fizeram relação direta da sensibilidade com o sentimento do saber cuidar. Posteriormente, observaram que a sensibilidade humana faz parte da ação educativa, não como um aspecto prescritivo, mas em sua extensão política.

Não obstante, a reflexão regressou para o contexto e ambiente de trabalho, isto significa, que não faz nenhum sentido buscar agregar a sensibilidade humana crítica na ação educativa se os ambientes de trabalho não se movimentam juntos neste caminho. O professor Mapuche conduz para o debate um fato típico das aulas de Educação Física que ilustra muito bem essa situação do contexto precisar se dedicar também na sensibilidade crítica. Com a seguinte situação.

Durante a minha docência tento mobilizar as minhas alunas a participarem das vivências práticas, e eu sempre uso esse discurso: *“vocês precisam se levantar junto comigo, porque eu, sozinho, não vou ter condições de fazer essas movimentações por vocês. “Vocês precisam estar aqui”, “vocês precisam ocupar esse espaço que também é de direito de vocês”*. Se vocês ficarem na arquibancada, vocês não conseguirão mudar essa realidade (Professor Mapuche).

Esse exemplo ataca de vez o que seria a sensibilidade crítica, pois busca se envolver diretamente com as situações-limites que surgem na ação educativa. Aproveitando o ensejo, o professor Kolla colocou para o Círculo Dialógico outro tema julgado como complexo nas instituições de ensino, que seria o fato da gravidez na fase da infância e da juventude.

Queria contar um caso, assim, em relação a algumas alunas que estavam de licença-maternidade, que tiveram muita dificuldade de pegar atividade, sabe? E, claro, têm alunas que levaram as crianças para a escola, fiquei muitas vezes segurando o neném da aluna enquanto ela fazia prova, enquanto ela fazia aula prática. Mas entendia quando ela tinha que faltar, porque ela chegava e dizia: “meu filho tá doente, a mãe disse que não ia ficar com ele, e por isso que eu faltei essas duas semanas”, eu: “tudo bem”. Enfim, e escutei tanta piada de alunos, sabe? Assim, de que “aí, pronto, engravidou já pode passar, é a licença, assim, que pode passar de ano”, né, é uma coisa que como é eles falavam? “Tem imunidade, imunidade da maternidade”, sei lá, uma coisa assim, né? Só que... e aí eu fiquei muito incomodada, mas era tanta coisa que tinha hora que eu saía de sala, às vezes quando não era minha turma, eu saía porque era complicado. E aí tem professor que nem entende, né, que tem aluna que engravidou, mas não tem com quem deixar a criança, não tem como levar a criança sempre, não tem (Professor Kolla).

Neste depoimento fica nítido que a sensibilidade crítica tem que permear as relações que afetam a aprendizagem. No relato do professor Kolla, surge o algoz que é da própria classe docente, esse profissional da educação é a antítese do que se pretende neste manuscrito. Por isso, foi necessário tatear situações limitantes, pois não se pode elaborar uma pesquisa somente se pautando nos bons exemplos, se o que se tem na maioria das experiências educacionais é o movimento de uma educação bancária (Freire, 2013).

Por isto, acredita-se que as ações voltadas para uma sensibilidade crítica na docência em Educação Física ainda estão pontualmente situadas em alguns docentes, isso não requer afirmar que não seja válido. Pelo contrário, calcula-se que estes procedimentos de atrelar um olhar mais sensível e crítico estejam permitindo o encantamento de muitos/as estudantes por professores/as. Pois ainda se observa o reconhecimento em vários locais do país, das turmas de ensino, para com os/as docentes que se implicam de corpo consciente na sua ação educativa. São docentes que espelham o movimento de Freire (2011, p. 37) “Me movo como educador porque, primeiro, me movo como gente”. É se reconhecendo e reconhecendo o/a outro/a como gente que o/a docente consegue se conectar com os/as estudantes por uma educação crítica e sensível.

### Considerações transitórias

As últimas cogitações deste trabalho vêm para arrematar o potencial da discussão levantada ao longo de toda essa pesquisa. Que iniciou ordenando o que seria a sensibilidade crítica na docência na Educação Física escolar. Para esse fim, captou princípios do livro *Pedagogia da Autonomia* (Freire, 2011), tais como, ensinar exige bom-senso, exige a alegria e esperança, exige saber escutar, e exige querer bem às educandas e aos educandos.

Reconhecendo que não cabe somente aos/as docentes essa condição, como foi comentado pelas colaboradoras e colaboradores deste estudo. Foi acrescido ao entendimento de sensibilidade crítica na docência, o conceito de bem viver de forma compartilhada dos povos latinos da América do Sul, para que os/as professores/as também sejam acolhidos/as pela sensibilidade e, mais ainda, a escola precisa se engajar neste compromisso com uma educação crítica, mas que não perca a sua dimensão sensível e afetiva.

Contudo, o conceito de saber cuidar (Boff, 1999) foi o mais evidente no depoimento das colaboradoras e dos colaboradores desta pesquisa, confirmando que a sensibilidade é um ato político, ético e de comprometimento com a outra e com o outro. Logo, não existe perspectiva crítica no ensino da Educação Física que não esteja relacionada com o comprometimento afetivo.

Nos relatos apurados no Círculo Dialógico, alguns achados foram reveladores. O primeiro foi que existe uma valorização por parte do grupo pesquisado em trabalhar com base na sensibilidade crítica, podendo ser questionado se essa é uma causalidade do grupo ou com base na semelhança dos mesmos podemos pensar se essa característica é comum pois é uma característica fomentada na formação continuada? Ou aqueles que procuram a formação continuada têm essas características? Pretendemos aprofundar essa análise em futuros trabalhos.

O segundo ponto é que a sensibilidade crítica não foi referendada pelo grupo como um elemento próprio da didática da Educação Física, mas uma dimensão transversal que atravessa todas as decisões e ações da ação pedagógica. O terceiro ponto foi que a escola é um espaço de esperança e alegria, mas tem sido habitada por pessoas que estão desacertadas e embrutecidas do ponto de vista afetivo, um reflexo da crise civilizacional descrita por Boff (1999). Isso tem influenciado na dificuldade das professoras e dos professores em propor intervenções que

almejam a aproximação com as alunas e os alunos.

O Círculo Dialógico foi uma ótima estratégia metodológica, pois providenciou uma análise coletiva sobre a sensibilidade crítica na docência e permitiu que se tratasse de outros pontos que não foram explorados neste estudo pelo aspecto da delimitação do objeto investigado. Mas conseguiu mobilizar um grupo aprendente e ensinante que deseja continuar refletindo sobre a sensibilidade na docência para além do que foi explorado neste estudo.

Consequentemente, ao longo de todo o estudo, o cerne das discussões transitou pelas fontes que se inspiram em valores morais no ambiente da ação educativa em um mundo marcado pela exploração entre as pessoas e pelos diversos marcadores das desigualdades sociais. Logo, a reflexão tomou como alicerce a perspectiva de educação crítica e progressista, com a vontade epistemológica de reconhecer que, ao compreender toda a dinâmica que envolve as relações nas aulas de Educação Física, a sensibilidade crítica pode ser adotada caso as condições objetivas permitam tanto para a/o docente, como também para os discentes, viverem intensamente as aprendizagens na área de Educação Física.

## Referências

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Mestre Jou, 1962.

ANDRADE, Daniele Müller de; SCHMIDT, Elisabeth Brandão; MONTIEL, Fabiana Celente. Educação Estético-Ambiental e Educação Física: corpos no contexto escolar.

AMBIENTE &

EDUCAÇÃO: **REVISTA DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL**, v. 27, p. 1-26, 2022.

<https://periodicos.furg.br/ambeduc/article/view/14250>

ALCÂNTARA, Liliane Cristine Schlemmer; SAMPAIO, Carlos Alberto Cioce. Bem Viver como paradigma de desenvolvimento: utopia ou alternativa possível? **Desenvolvimento e Meio ambiente**, v. 40, p. 231-251, 2017. <https://revistas.ufpr.br/made/article/view/48566>

ALMEIDA, Maria da Conceição Sales de; SILVA, Francisco Vieira da. A construção de discursos sobre a positividade tóxica no TikTok. **Linguagem em Pauta**, v. 3, p. 103-122, 2023. <https://linguagempauta.uvanet.br/index.php/lep/article/view/124>

ARAÚJO, Miguel Almir de Lima. Os sentidos da sensibilidade e sua fruição no fenômeno do educar. **Educação em Revista**, v. 25, p. 199-221, 2009.

<https://www.scielo.br/j/edur/a/7vPP3xsdcmlXykVChTdTd/abstract/?lang=pt>

BHABHA, Homi. *O Local da Cultura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001.

BOFF, Leonardo. *Saber cuidar: ética do humano - compaixão pela terra*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1999.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é método Paulo Freire**. São Paulo: Brasiliense, 2013.

BRASIL. Resolução nº 510/2016 – Dispõe sobre a pesquisa em Ciências Humanas e Sociais. Conselho Nacional de Saúde. Ministério da Saúde, Brasília, DF, 2016.

CHARLOT, Bernard. A questão antropológica na Educação quando o tempo da barbárie está de volta. **Educar em Revista**, [S.l.], v. 35, n. 73, p. 161-180, 2019.  
<https://www.scielo.br/j/er/a/8n6G7tvZNtLMNfYH6Mwf8GL/>

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo, Paz e Terra, 2011.

FREIRE, Paulo; FAUNDEZ, Antonio. **Por uma pedagogia da pergunta**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**. Petrópolis: Vozes, 2015.

HENZ, Celso Ilgo; FREITAS, Larissa Martins. Círculos dialógicos investigativo-formativos: uma proposta epistemológico-política de pesquisa. In: HENZ, C. I.; TONIOLO, J. M. S. A. **Dialogos: círculos dialógicos, humanização e auto(trans)formação de professores**. Santa Maria/RS: Oikos, 2015.

JOSSO, Marie-Christine. **Caminhar para si**. Porto Alegre: Artmed, 2010.

MAMANI, Fernando Huanacuni. **Buen Vivir / Vivir Bien: Filosofía, políticas, estrategias y experiencias regionales andinas**. CAO: Lima, Peru, 2010.

MARTINS, Raphaell Martins. Inquietudes de um professor de Educação Física em tempos pandêmicos, o que compreendia e não tematizava, o que não consigo compreender e o que começo a saber. **Motrivivência**, v. 34, p. 2-16, 2022. Disponível em:  
<https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/89842>

MARTINS, Raphaell Moreira; SANTOS, Maria Rayane de Castro. FORMANDO PERMANENTEMENTE CORPOS CONSCIENTES CRÍTICOS NO ENSINO MÉDIO INTEGRADO: a tessitura experiencial de uma estudante nas aulas de Educação Física. In: Daniel Teixeira Maldonado. (Org.). **A VIDA NAS ESCOLAS: por uma prática político-pedagógica crítica na educação física escolar**. Curitiba: CRV, 2023, v. 1, p. 141-160.

**PROEF. Projeto político-pedagógico:** Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional – ProEF. Org.: Denise Ivana de Paula Albuquerque, Maria Candida Soares Del-Masso, Ana Rita Lorenzini, Admir Soares de Almeida Júnior, Antonio Carlos Monteiro de Miranda, Evando Carlos Moreira e Glauco Nunes Souto Ramos. São Paulo, 2023.

SILVA, Aparecida Pereira dos Santos. A pesquisa qualitativa em educação física. **Rev. paul. Educ. Fis.**, v. 10(1), p. 87-98, 1996.

SILVA, Marlon André da; FENSTERSEIFER, Paulo Evaldo; PRESTES, Fabiane da Silva. A Educação Física escolar como um caminho para a cultura do bem viver. **Ñanduty**, v. 11, p. 118-136, 2023.

SOUZA, Rita de Cássia de. Princípios básicos da pesquisa relacional, dialógica e colaborativa **Pro-Posições**, V. 32, e20180125, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pp/a/SXSh5fyq9bnTB6s4NbVfh7y/>

Submissão em: 09/04/2024

Aceito em: 03/06/2024

Citações e referências conforme  
normas da:

